

Iniciação científica na formação docente em Geografia: uma análise sobre as universidades públicas de Mato Grosso do Sul

Rodrigo Gavioli Diniz

✉ rodrigogaviolipsn@gmail.com

Ana Paula Camilo Pereira

✉ apaulacape@uems.br

Resumo

As pesquisas de Iniciação Científica nos cursos de graduação do Ensino Superior, em especial nas graduações de Geografia, são um importante instrumento de horizontalização e verticalização para fomentar o cenário de desenvolvimento de pesquisas, tecnologia e inovação no Brasil. Desse modo, o presente artigo objetiva compreender o atual quadro de Iniciação Científica nos cursos de Geografia das universidades públicas do estado de Mato Grosso do Sul, no período 2016–2019. Para realizar tal estudo, metodologicamente foram realizados levantamento bibliográfico sobre a temática, análise documental e coleta de dados quantitativos referentes ao número de Iniciações Científicas produzidas nas universidades analisadas. Os resultados expressam um cenário importante de pesquisas desenvolvidas no recorte delimitado. Todavia, é evidente a necessidade de fomentar e ampliar ainda mais as produções científicas nessa modalidade de pesquisa na área de Geografia, dado o seu potencial de aproximação dos acadêmicos aos programas de pós-graduação e na formação de profissionais críticos e inovadores.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: iniciação científica; geografia; pesquisa; Mato Grosso do Sul; universidade pública.

Introdução

A Iniciação Científica (IC) é uma introdução à prática de pesquisa existente nos cursos de Ensino Superior em diversas instituições no Brasil. A ocorrência, porém, vai além e também se apresenta na Educação Básica. Seu desenvolvimento por parte de discentes está intimamente ligado a uma possibilidade real de se produzir ciência e tecnologia, acarretando, posteriormente, em avanços e inovações para diversas áreas do conhecimento.

Na perspectiva do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, a IC adquire um papel protagonista e imprescindível no desenvolvimento pessoal e, também, na formação de cientistas. Isso ocorre, pois essa modalidade de pesquisa detém a capacidade de mudar o patamar da disponibilidade das informações de pesquisas. Tal fato frutifica-se em conhecimentos científicos e tecnológicos, sendo acessados e consumidos por uma parcela substancial da população brasileira (BRASIL, 2019).

Além desse papel atrelado a IC, tal prática de pesquisa, segundo Bernardi (2011), seria uma ferramenta facilitadora para o ingresso de pesquisadores nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, já que, de acordo com a autora, um dos objetivos da IC é o de aproximar estudantes da graduação com aqueles discentes de programas de mestrado e/ou doutorado. Bridi (2011) acrescenta que a IC é o aspecto pedagógico mais significativo para fazer com que o método científico seja entendido como algo que supera a visão simplista de um conjunto de técnicas, para organizar, tratar ou analisar dados. Em outras palavras, a pesquisa está relacionada com o desenvolvimento de habilidades e capacidades que contribuem para a formação do pensamento crítico e científico.

Mediante o que foi abordado, é pertinente afirmar que a IC é relevante para o quadro de pesquisas no território nacional. Simultaneamente, uma parte dos educandos que se tornam pesquisadores (neste caso em particular, futuros geógrafos e professores de Geografia) veem na pesquisa uma possibilidade de contribuir cientificamente e ampliar os seus conhecimentos, colaborando, também, com o avanço tecnológico e científico, o que, muitas vezes, reflete em análises que cooperam com o desenvolvimento humano, social, econômico etc.

Isto posto, o objetivo principal desse artigo é compreender o cenário de pesquisas de IC realizadas nos cursos de graduação de Licenciatura e Bacharelado em Geografia das universidades públicas do estado de Mato Grosso do Sul, no período 2016–2019. Isso inclui a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade

Federal da Grande Dourados (UFGD). O recorte temporal se justifica pelo fato desse estudo ser uma tentativa de compreender o panorama recente dessas pesquisas nesses cursos e instituições de ensino, como forma também de analisar a formação docente da área no estado.

Para abordar tal objetivo, definimos como procedimentos metodológicos uma abordagem que se baseia em dados qualitativos e quantitativos, sistematizados por meio de gráficos e tabelas por instituição de ensino pesquisada. Esses dados foram obtidos por meio de consulta documental em arquivos fornecidos pelas instituições, após contato via *e-mail* ou consulta nos sítios eletrônicos.

Os dados acerca do panorama nacional de IC, principalmente na área de Geografia, foram obtidos junto ao CNPq, por intermédio do Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (E-SIC), que disponibilizou os dados contemplando o recorte temporal. Além disso, essa abordagem se fundamenta, primeiramente, em um levantamento bibliográfico, no qual foram consultados diversos autores que pesquisam a temática, e em órgãos oficiais, mediante notas, artigos, livros e demais materiais oficiais, que nos forneceram uma orientação teórica do recorte temático delimitado.

Tendo ciência dos objetivos e da metodologia, a estruturação da pesquisa se dará em três seções que se complementam. Na primeira, é feita uma contextualização dos programas institucionais de IC produzidos no Brasil, em especial o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica — PIBIC. Além de ser o mais difundido entre todos, o PIBIC destaca, também, um panorama das pesquisas de IC produzidas no Brasil e no Mato Grosso do Sul, sobretudo na área de Geografia. A segunda parte dará ênfase à discussão que se circunscreve à importância e contribuição da pesquisa em cursos de graduação, com foco para os cursos de Geografia. Por fim, a terceira e última seção é composta pela organização dos dados coletados junto às universidades, sendo finalizada com a apresentação de possíveis propostas que tenham potencial para expansão do quadro de Iniciações Científicas produzidas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, tanto nas universidades pesquisadas no presente trabalho quanto em âmbito nacional.

Os programas institucionais de Iniciação Científica e um breve panorama da pesquisa no Brasil e no Mato Grosso do Sul

Primeiramente, é preciso considerar que a IC detém condições críveis para ser considerada uma ação de pesquisa contínua. Tal posição fica em evidência na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em que um dos temas abordados diz respeito a prática de pesquisas nas graduações em nível superior. Assim, é capaz de

entendê-la como uma atividade atrelada a formação ininterrupta do discente de graduação, despertando em tal agente, futuro profissional, o gosto pela ciência (PEREIRA, 2016, p. 2):

A iniciação científica, conforme a LDBEN 9394/96, pode ser considerada como um dos componentes curriculares imprescindíveis no Ensino Superior, sendo tratada e pensada como um princípio científico e educativo. Nesta direção, a Iniciação Científica deve vista como um processo contínuo que envolva alunos e professores e que extrapole o espaço formal da sala de aula. Assim, conforme preconizada pela legislação, a Iniciação Científica é uma forma especial de despertar a vocação científica dos alunos da graduação e de estimular uma maior articulação entre a graduação e pós-graduação.

Por conseguinte, fazendo valer a pesquisa nacional e a formação continuada, o Governo Federal desenvolveu programas de incentivo à pesquisa. A maioria deles, porém, fica restrita ao Ensino Superior. São contempladas, nesse bojo, diferentes formas de produção científica. Assim sendo, os programas conseguem fomentar bolsas de estudos a distintos pesquisadores que trabalham com múltiplas áreas do conhecimento, refletindo o caráter diversificado das pesquisas brasileiras.

As modalidades de IC presentes no Ensino Superior são: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica — PIBIC que, como sua própria nomenclatura expõe, vincula-se ao desenvolvimento de pesquisas científicas na qual o educando é orientado por um professor especializado na área de pesquisa desejada.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas — PIBIC-AF, diferente do anterior, está presente apenas em universidades públicas e atende aos discentes que ingressaram nas instituições por meio das cotas que funcionam como ações de caráter afirmativo (BRASIL, 2020).

Destaca-se, ainda, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Científica — PIBITI, outra modalidade de pesquisa em instituições públicas e privadas, tendo como objetivo estimular jovens nas atividades de desenvolvimento tecnológico e processos de inovação. (BRASIL, 2020).

Por fim, diferente dos demais, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio — PIBIC – EM figura-se na Educação Básica, estando estreitamente conectado com educandos da rede pública (BRASIL, 2020).

Desse modo, pode-se considerar a pesquisa como um elemento importante na formação do acadêmico que pretende se tornar um profissional. Isto porque, o ato de pesquisar amplia as perspectivas e possibilidades para a construção de saberes que vão além do adquirido em sala de aula. Soma-se a isso a construção de um indivíduo investigador e crítico.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão se insere, principalmente, no âmbito do PIBIC, que é a modalidade mais incisiva nas universidades públicas, superando outros programas como o PIBITI e o PIBIC-AF. O PIBIC é um programa destinado ao fomento de atividades de pesquisa, sendo um elemento que o acadêmico pode se apropriar durante o caminho percorrido no Ensino Superior brasileiro. Desse modo, Pinho (2017) comenta sobre sua criação, datada em 1988 e sua subsequente normatização em 1993, ambos coordenados pelo CNPq. A autora ressalta que este órgão de pesquisa regulamentou o ingresso das universidades em tal programa, um dos poucos normatizados no Brasil, e também gerenciou todo o processo de avaliação das pesquisas do PIBIC.

Todavia, desde o período de sua normatização até o presente momento, houve alterações na estrutura de diretrizes e objetivos mensurados pelo respectivo programa, que continua sendo regulamentado pelo CNPq. Tal movimento, realizado em 2006, é evidenciado por Pinho (2017) que, buscando explicar a historicização do PIBIC, afirma que

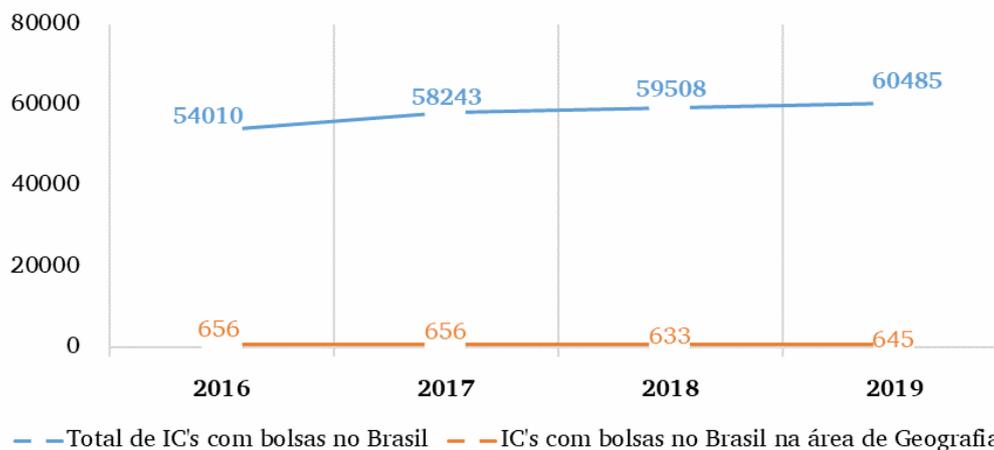
os objetivos gerais do PIBIC foram formalizados, em 2006, da seguinte forma: a) contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; b) contribuir de forma decisiva para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores; c) contribuir para que diminuam as disparidades regionais na distribuição da competência científica do País; d) possibilitar maior interação entre graduação e pós-graduação; e) qualificar os melhores alunos para os programas de pós-graduação; f) e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação (PINHO, 2017, p. 662).

Quanto ao cenário quantitativo de IC no Brasil, em especial na área de Geografia, foram coletados, junto ao CNPq, dados que revelam a posição atual das pesquisas geográficas no panorama de Iniciação Científica, no recorte 2016–2019. Considerou-se apenas as pesquisas contempladas com auxílios/bolsas. Contudo, vale destacar que existem pesquisas realizadas nas universidades que se constituem como práticas de pesquisa voluntárias. Justificamos que nossa pesquisa não contempla os dados voluntários, devido à ausência de tais dados.

Assim, os dados apontam para uma diminuição gradativa e proporcional na participação de IC de Geografia na totalidade de pesquisas produzidas em âmbito

nacional. Em 2016, das 54.010 Iniciações Científicas produzidas, 654 (1,21%) eram de Geografia. Três anos depois, mesmo com o aumento total de IC, que desta vez foi de 60.485, somente 645 (1,06%) pesquisas eram da ciência geográfica. Logo, percebe-se um duplo movimento: o acréscimo no número absoluto de IC produzida com bolsas no Brasil, acompanhado de um decréscimo gradativo e proporcional das pesquisas nessa modalidade na área de Geografia com bolsas. Na figura 1 é possível visualizar tal cenário.

Figura 1. Iniciações Científicas com bolsas no Brasil, em sua totalidade e na área de Geografia, no período 2016-2019



Fonte: CNPq, 2020. Elaboração dos autores.

No estado do Mato Grosso do Sul, onde se localizam as universidades públicas analisadas neste texto, identificou-se um crescimento gradativo e proporcional na participação total de Iniciações Científicas com bolsas produzidas no Brasil, exceto no ano de 2019. Isto porque em 2016 foram realizadas, no estado, 934 pesquisas (sendo 18 de Geografia), o que representa 1,72% do total nacional. No ano seguinte, em 2017, produziram-se 1.076 pesquisas (25 de Geografia), compreendendo 1,84% do total. O ano de 2018 registrou 1.118 pesquisas em IC, o maior número no recorte delimitado, representando 1,87% de todas as pesquisas com bolsas no Brasil. Já 2019, conforme anunciado, foi o único ano em que não se visualizou crescimento, mas sim queda em comparação com o ano anterior, em decorrência das 1.110 pesquisas desenvolvidas (25 de Geografia), o que representa 1,83% da produção nacional.

Portanto, as pesquisas em Iniciação Científica, e, neste caso, aquelas com bolsa/auxílios, estão ganhando cada vez mais espaço na pesquisa nacional. O mesmo não se pode dizer da IC na área de Geografia com bolsas em âmbito nacional, que estão em dissonância com o quadro brasileiro. No Mato Grosso do

Sul, exceto no ano de 2019, visualizou-se crescimento gradativo, no que tange à participação na totalidade de pesquisas com bolsas no Brasil.

Além disso, o PIBIC pode ser compreendido como o principal programa de fomento à pesquisa dentre todos que são ofertados nas universidades brasileiras, sendo um componente vital para a valorização da ciência e da tecnologia do país, independentemente da área do conhecimento.

A contribuição da Iniciação Científica na formação acadêmica dos discentes de Geografia

A formação profissional, científica e humana, de modo integral, construída a partir da graduação, implica não apenas o cumprimento das atividades e exercícios requeridos em sala de aula pelos docentes das disciplinas regulares. Assim, uma alternativa bastante adequada e com potencial para contribuir para a criticidade e reflexão ampliada nas diferentes áreas do conhecimento diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas. Desse modo, esta seção retrata as possíveis contribuições e a importância resultantes do exercício de pesquisa, traduzida pela IC, nos cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado).

Primeiramente, é preciso considerar a Geografia como uma área do conhecimento extremamente complexa, em que diferentes elementos e conceitos se articulam em prol da conquista de respostas para as mais diversas indagações da sociedade contemporânea, tendo como foco essencial a relação da sociedade com a natureza e suas adjacências.

Em vista disso, Bridi e Pereira (2004), pesquisando as contribuições da IC no Ensino Superior, constatam que bolsistas de programas institucionais concebem essa modalidade de pesquisa como uma ferramenta para o desenvolvimento de conhecimentos, científicos e específicos, e também para a criação de uma rede de contatos incluindo professores e profissionais, sendo peça chave para o início de uma formação acadêmica enquanto pesquisador.

Nessa análise, de acordo com Bridi (2011), as pesquisas de IC se configuram como uma possibilidade de proporcionar a autonomia do educando, visto que estimula a criatividade e a criticidade:

Por meio dela o estudante passa a ter a possibilidade real de exercer sua criatividade, de construir um raciocínio crítico, de articular os vários conhecimentos, de se constituir em um dos caminhos para a execução de projetos inter-disciplinares que envolvam também a superação da dicotomia teoria e prática (BRIDI, 2011, p. 351).

No tocante à IC desenvolvida nos cursos de Geografia, Goulart (2014) argumenta que, enquanto estratégia, é repleta de condições para fornecer um

currículo que favoreça os tempos atuais. Na concepção da autora, essa modalidade de pesquisa constitui as bases para a aprendizagem que inclui todos os agentes do processo educativo, estimulando a investigação, a construção e/ou transformação do conhecimento:

essa ação de estimular o processo investigativo, focado no interesse e nas curiosidades dos sujeitos, reconhece suas práticas culturais, valoriza seus saberes e, propõe estratégias de ensino participativas que buscam a solução de questões que emergem de vivências e experiências. Também considera a imaginação, a criatividade, as trocas de ideias e de argumentações e o compartilhamento como fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento do processo investigativo, para que os estudantes atuem na produção e transformação do conhecimento e das realidades (GOULART, 2014, p. 2).

Postuschka, Paganelli e Cacete (2007) acrescentam ao explicar que a pesquisa é um fator inerente ao aspecto cognitivo do professor da escola básica e não apenas ao do docente universitário. Este período do processo de ensino e aprendizagem é o mais importante e essencial na construção intelectual do estudante, ou seja, na assimilação do conteúdo e na edificação da criticidade. Essa análise das autoras se aplica principalmente em virtude do desenvolvimento do educando, pois o mesmo está, nesta etapa do ensino, em constante aprendizado, formulando questionamentos e procurando respostas. Assim, a pesquisa orientada pelo professor-pesquisador contribui para a amplificação de caminhos e alternativas visando a solução de tais indagações, bem como a formulação de outras, ainda mais complexas.

Logo, a IC necessita ser entendida a partir da contribuição fornecida à formação dos estudantes do Ensino Básico, e principalmente, daqueles de graduação em Geografia, tanto para os que se tornarão geógrafos (bacharéis em Geografia), como para os que se formarão como professores (licenciados em Geografia). Assim, sua influência e contribuição vão além da produção da pesquisa em si, como um fato isolado no período de formação acadêmica. Precisa ser compreendida, também, como um mecanismo que incide na formação inicial, que induz o professor-pesquisador, responsável por conceber os alicerces primordiais do ensino e aprendizagem da Educação Básica.

O professor-pesquisador se constitui como tal, mediante um processo contínuo de reconstrução (WENZEL et al., 2010). Desse modo, a IC adquire fundamental dimensão nas graduações, a exemplo das Licenciaturas, em diversos aspectos. Maldaner (1999) explicita o que é, de fato, o professor-pesquisador, suas

formas de relacionamento com os discentes e sua capacidade crítica. Assim, destaca que

aquele capaz de refletir a respeito de sua prática de forma crítica, de ver a sua realidade de sala de aula para além do conhecimento na ação e de responder, reflexivamente, aos problemas do dia-a-dia nas aulas. É o professor que explicita suas teorias tácitas, reflete sobre elas e permite que os alunos expressem o seu próprio pensamento e estabeleçam um diálogo reflexivo recíproco para que, dessa forma, o conhecimento e a cultura possam ser criados e recriados junto a cada indivíduo (MALDANER, 1999 p. 30).

Paulo Freire (1996), um dos maiores estudiosos e intelectuais da área educacional brasileira, já havia destacado a necessidade de correlacionar a pesquisa junto ao ensino, no qual este só é completo e total quando a pesquisa está intrinsecamente envolvida nas suas etapas e ações. Simultaneamente, é uma alternativa para que os sujeitos envolvidos na prática educacional busquem as respostas necessárias. Dessa forma, o escritor afirma que

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Portanto, educar, em seus mais diversos níveis, básico ou superior, não se limita ao ato de transmitir conteúdos de forma pragmática e descritiva, mas propor uma relação de trocas com o educando, agregar conhecimentos, estimular o pensamento crítico e, de forma sistemática, levar ao ambiente de ensino novos meios para ensinar e abordar um determinado tema.

Na perspectiva da Geografia, o ato de apropriar-se de novos meios/recursos para a arte do fazer geográfico pode acontecer mediante o uso das novas tecnologias digitais, dinâmicas/atividades pedagógicas e visitas técnicas/aulas de campo, objetivando a aproximação dos conceitos geográficos com a realidade dos discentes, bem como a construção de uma práxis geográfica, como forma de instigar nos estudantes a prática da pesquisa.

Nessa relação, a IC tem condições de ser debatida e trabalhada como uma forma de aprimorar certos elementos, como a formação de recursos didáticos, desenvolvimento da autocrítica e da criatividade, reflexão da própria ação profissional, adesão de novas tecnologias, metodologias e teorias para promover e desenvolver pesquisas. Esses componentes estão localizados no âmago dos cursos

de graduação, nesse caso, em especial, naqueles que formam os profissionais de Geografia.

Em uma perspectiva mais ampla, que engloba tanto a Licenciatura como o Bacharelado em Geografia, ou seja, na formação profissional de acadêmicos, Pereira (2016) faz um alerta sobre a atual associação entre competitividade e mercado de trabalho, e como os aprendizados teórico e prático são fundamentais nessa perspectiva. É indicado também, pelo autor, a relação da IC com a formação profissional e como essa modalidade de pesquisa possibilita o surgimento de soluções consideradas inovadoras:

Nos dias atuais o mercado de trabalho está associado à competitividade e às novas tecnologias, o que exige do profissional não só o conhecimento teórico, mas também um o prático [...] um esquema que nos ajuda a entendermos a relação entre a Iniciação Científica e a formação profissional: ensino superior + Iniciação Científica + pensamento crítico e criativo = soluções inovadoras no mundo do trabalho (PEREIRA, 2016, p. 9).

Reis (2018), escrevendo sobre a IC na Geografia e o processo de aprendizagem da disciplina, salienta a importância analítica que é dada a questões como lugar, escalas (local e global, por exemplo), temas emergentes, entre outros. Destarte, é possível pensar que o ato de pesquisar na graduação, sendo este um desdobramento das reflexões em sala de aula, promove aos futuros profissionais em Geografia uma interpretação mais apropriada de tais elementos e uma subsequente produção de significados que ajudam a compreender os fenômenos sociais, materiais, políticos e econômicos que transformam constantemente a realidade. Esses fenômenos ora aparecem e se tornam mais intensos, ora perdem a intensidade e desaparecem, acompanhando a celeridade atual das coisas e dos processos.

Nesse movimento, a IC em Geografia ganha valor, pois auxilia nos questionamentos e reflexões, no aprofundamento teórico e na organização e sistematização das informações consumidas. Na própria Educação Básica, por meio de pesquisas produzidas entre docentes e discentes, a Geografia atua nesta direção, em níveis diferentes, mas sem perder a sua validade, significando e/ou ressignificando os objetos, os processos e as relações experimentadas pelos discentes, reforçando assim o papel da Geografia como disciplina indispensável nos níveis básicos de ensino e na academia.

Dessa maneira, a IC permite ao educando de Geografia horizontalizar seus conhecimentos e experiências de maneira científica, contribuindo na assimilação do conteúdo, na formação profissional e na produção de significados que já são concebidos em parte na cotidianidade, todavia, sem a sistematização obtida com a

IC Em contrapartida, pode também promover a verticalização de sua formação, quando, por exemplo, incide na busca pela formação em programas de pós-graduação, como mestrado e doutorado.

Assim sendo, a IC é um pilar que pode condicionar a formação de qualidade e plural requerida na graduação — seja na Licenciatura ou no Bacharelado, oferecendo novos meios e alternativas, em que o graduando, através de um saber diferenciado, constrói e transforma, por meio da pesquisa, a ciência geográfica.

Os indicadores de Iniciação Científica nos cursos de graduação em Geografia de Mato Grosso do Sul: uma abordagem sobre a UEMS, UFMS e UFGD

Como foi indicado, essa pesquisa tem como recorte temporal o período 2016–2019. Tal delimitação fundamenta-se na busca por compreender o cenário recente das pesquisas nessa modalidade que são produzidas nos cursos de Geografia nas universidades públicas supracitadas, que se constituem como algumas das principais instituições de Ensino Superior no estado de Mato Grosso do Sul, sendo espaço para a produção de práticas, ações e investigações que se enquadram nos alicerces da universidade pública: a pesquisa, o ensino e a extensão.

Assim, apresentamos a seguir os dados coletados nas universidades públicas em análise, como forma de destacar como tem se desenvolvido as pesquisas em nível de Iniciação Científica com foco para a graduação em Geografia. Contudo, é válido destacar brevemente uma abordagem sobre essas universidades, tendo em vista a importância que as mesmas detêm na escala estadual e nacional.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) é uma instituição que oferece uma ampla opção de cursos de graduação presenciais e à distância, e de pós-graduação (especializações, mestrados e doutorados) em diversas áreas do conhecimento. A mesma está geograficamente distribuída em 21 unidades, sendo as de São Gabriel do Oeste e Miranda na modalidade de Educação à Distância (UEMS, 2020). A universidade foi criada em 1979, mas só foi instituída no ano de 1993. No que tange à gestão do processo de desenvolvimento de pesquisa, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) atua no gerenciamento, fiscalização, coordenação e avaliação dos conteúdos engendrados nas pesquisas desenvolvidas em todas as unidades (UEMS, 2020).

Já a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) é a instituição pública mais antiga de Mato Grosso do Sul, existindo antes mesmo da divisão do estado com o Mato Grosso, na década de 1970. Sua origem ocorreu em 1962, com as faculdades de Farmácia e Odontologia. Entretanto, a federalização da instituição só foi conquistada anos depois através da Lei nº 6.674, de 5 de julho de 1979.

Atualmente a UFMS oferta cursos de graduação e pós-graduação, presenciais e à distância, distribuídos em 10 campi universitários (UFMS, 2020). Dentre várias pró-reitorias existentes, uma em especial é responsável pela coordenação e planejamento das práticas de pesquisa, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) (UFMS, 2020).

Por fim, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que se tornou um dos principais centros de Ensino Superior do estado, por muito tempo fez parte da UFMS. Apenas em 2005, por intermédio da Lei nº 11.153, de 29 de julho de 2005, foi permitido o seu desmembramento. Antes dessa separação, se constituía como um campus da UFMS. Atualmente, a universidade abrange 37 cursos presenciais, divididos em 11 faculdades, além de 5 cursos à distância. Assim como nas outras duas instituições, a UFGD tem em sua estrutura organizacional uma pró-reitoria responsável por coordenar as atividades de pesquisa, denominada como Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) (UFGD, 2020).

Dada essa abordagem sobre as instituições públicas de ensino de Mato Grosso do Sul, recorte de nossa análise, destacamos a seguir os dados sobre IC obtidos junto à coordenadoria dos cursos e/ou pró-reitorias das respectivas universidades. Para obtenção dos dados, foi necessário o contato via e-mail junto a essas instituições e coordenações dos cursos de Geografia, explicitando os objetivos da pesquisa e o quão importantes seriam os dados para a concretização dos mesmos, possibilitando um levantamento mais esmerado sobre as pesquisas em IC nos cursos de graduação. Assim, esses indicadores foram logrados por meio de dados disponibilizados nos sítios eletrônicos das referidas universidades e/ou por meio de contato com as coordenadorias de curso ou pró-reitorias.

No entanto, antes de apresentar as análises estatísticas sobre IC nos cursos de Geografia das universidades públicas de Mato Grosso do Sul, vale destacar que as mesmas apresentam divergências no modo como organizam os dados referentes a temática aqui abordada, o que, todavia, não interfere diretamente em nossas análises. Por exemplo, a UEMS faz a tabulação do total de pesquisas desenvolvidas por unidade e curso entre janeiro e dezembro de um determinado ano. Já a UFGD e a UFMS implementam um modelo anual de gestão de seus indicadores de pesquisa (ou seja, o total de pesquisas produzidas, incluindo aquelas com bolsas ou voluntárias), que vai de agosto a julho. Em outras palavras, agosto indica o mês de início da pesquisa, e julho do ano seguinte o término dessa pesquisa.

No que tange à UEMS, nos foi disponibilizada uma série de dados válidos para a compreensão da IC produzida nas graduações de Geografia em toda a sua rede. A universidade conta atualmente com três cursos dessa área do

conhecimento, distribuídos em duas unidades: a de Campo Grande e a de Jardim. Na primeira cidade, contempla-se a modalidade de Bacharelado com 40 vagas disponibilizadas por ano, bem como a de Licenciatura em Geografia, que também oferece 40 vagas anualmente. Ambos os cursos ocorrem no período vespertino. Na unidade universitária de Jardim, existe apenas o curso de Licenciatura em Geografia no período noturno, com 40 vagas por ano.

Por meio dos indicadores alcançados, apresentamos a seguir a produção em ambas as unidades. Na cidade de Campo Grande, exceto no ano de 2017, houve uma produção total de no mínimo 10 pesquisas de Iniciação Científica nos cursos de Geografia. Já em Jardim, por se tratar de uma unidade menor, localizada no interior e com apenas uma modalidade de Geografia, o único ano que ultrapassou a marca de 2 pesquisas desenvolvidas foi 2019. A tabela 1 ilustra os números comentados sobre as Iniciações Científicas desenvolvidas em cada unidade, dentro do recorte temporal determinado.

Tabela 1. Iniciações Científicas desenvolvidas nos cursos de Geografia da UEMS (com e sem bolsas) no período 2016–2019

Ano	Campo Grande	Jardim	Total
2016	10	1	11
2017	5	2	7
2018	11	2	13
2019	10	6	16
Total	36	11	47

Fonte: UEMS, 2020. Elaborado pelos autores.

Os indicadores mostram que o ano de 2017 foi aquele com o menor desenvolvimento de pesquisas de Iniciação Científica nos cursos de Geografia da UEMS, com o número total de 7 pesquisas (5 de Campo de Grande e 2 de Jardim). Porém, 2019 contou com uma produção mais expressiva em ambas as unidades universitárias. Desse modo, é oportuno destacar, nesse cenário, a unidade de Jardim, que conseguiu um crescimento significativo em dois anos, desenvolvendo, apenas em 2019, (6 pesquisas) um total superior à soma dos três anos anteriores.

Todavia, a este número total relativamente baixo em Jardim (11 pesquisas no recorte temporal delimitado), atribui-se principalmente, como já dito, o fato da unidade comportar uma única modalidade, a de Licenciatura, e também por ser um curso recente, com a primeira turma de formandos no ano de 2010. No caso da unidade universitária de Campo Grande, compreende-se que esse número também decorre do fato de ser um curso recente, tendo sua primeira turma formada em 2014.

Sobre as bolsas de IC, os números computados pela UEMS são de âmbito geral. Em outras palavras, correspondem a distribuição de bolsas de IC para toda a universidade, destacando apenas o número de auxílios por unidade universitária, sem a especificação por cursos, o que impossibilita fazer uma análise dos cursos de Geografia.

No que concerne à UFMS, os dados obtidos acerca do número total de pesquisas desenvolvidas expõem outra realidade. Primeiro, porque estão organizados, conforme anunciado anteriormente, de uma maneira diferente em comparação à UEMS, seguindo um padrão que indica o início de certa pesquisa em agosto de determinado ano e o seu término no mês de julho do ano subsequente. Em segundo lugar, é preciso considerar que esta instituição abrange mais cursos de Geografia do que qualquer outra universidade no estado de Mato Grosso do Sul. Ao todo, são quatro campi comportando o curso de graduação em Geografia, seja em licenciatura e/ou bacharelado: campus de Aquidauana, campus do Pantanal, campus de Três Lagoas e a cidade universitária de Campo Grande, mais especificamente na Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia (FAENG).

O campus de Aquidauana acopla dois cursos de Geografia, um de licenciatura noturno, com 32 vagas, e outro de bacharelado, sendo este no período vespertino e ofertando 24 vagas. O campus do Pantanal detém apenas uma única modalidade: a de licenciatura em Geografia no período noturno, ofertando 32 vagas anualmente. A graduação em Geografia de Campo Grande, por sua vez, oferece 32 vagas no período noturno e é apenas destinada a formação de bacharéis em Geografia, não possuindo licenciatura. O campus de Três Lagoas também apresenta um curso de licenciatura em Geografia no período noturno, que oferta anualmente 32 vagas para ingresso de novos discentes e outro de bacharelado noturno com 24 vagas.

Por meio dos dados, observou-se uma constante produção anual de IC nos cursos de Geografia da UFMS. Entretanto, alguns anos específicos representaram queda considerável na produção de pesquisas científicas em quase todos os campi, a exemplo de 2018–2019. Nesse caso, o único curso de Geografia da UFMS a apresentar um pequeno crescimento nos valores absolutos foi o de Três Lagoas. Outro elemento a se considerar é o fato do campus do Pantanal e o da FAENG, em Campo Grande, possuírem apenas uma única modalidade do curso de Geografia. A tabela 2 mostra os dados dessa instituição.

Tabela 2. Iniciações Científicas desenvolvidas nos cursos de Geografia da UFMS (com e sem bolsas) no período 2016–2019

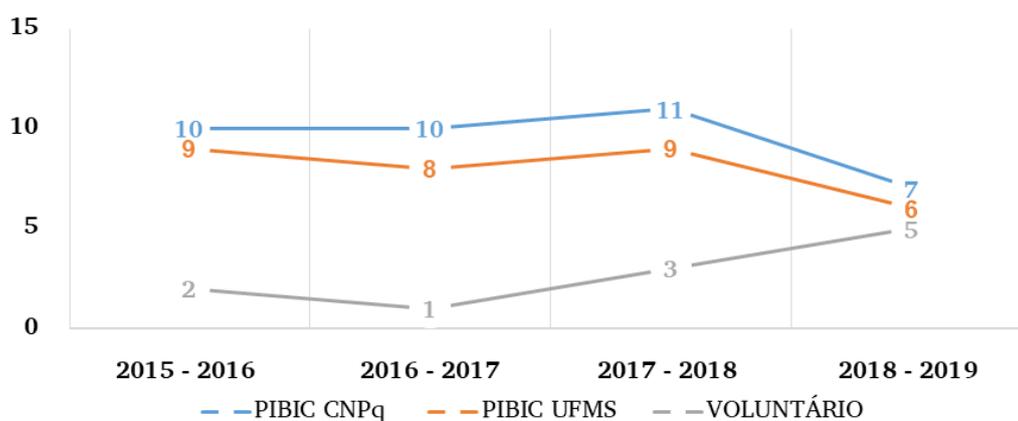
Ano	CPAN	CPLT	CPAN	FAENG	Total
	Aquidauana	Três Lagoas	Pantanal	Campo Grande	
2015-2016	8	7	1	5	21
2016-2017	8	4	2	5	19
2017-2018	7	6	3	8	24
2018-2019	4	7	2	5	18
Total	27	24	8	23	82

Fonte: UEMS, 2020. Elaborado pelos autores.

No ano de 2015–2016, foram desenvolvidas 21 pesquisas nos cursos de Geografia da UFMS, a maior parcela sendo contemplada com bolsas de Iniciação Científica, em especial do PIBIC. Do valor total, foram 10 pesquisas realizadas por discentes que receberam auxílio financeiro advindo do CNPq e outros 9 que tiveram o repasse pela própria UFMS, sendo mais 2 pesquisas de caráter voluntário, ou seja, não receberam nenhum tipo de auxílio financeiro.

Essa tendência se manteve nos anos seguintes, conforme mostra a figura 2, em que a maior parte das Iniciações Científicas estavam vinculadas ao PIBIC, com maior aporte do CNPq em relação à UFMS, e com menor participação de voluntários. Entretanto, a discrepância vista em 2015–2016 não permaneceu igual nos outros anos analisados. Um exemplo é 2018–2019 em que, das 18 pesquisas produzidas em todos os cursos de Geografia da UFMS, 7 advieram de bolsas do PIBIC–CNPq, 6 do PIBIC–UFMS e 5 tinham natureza voluntária.

Figura 2. Iniciações Científicas com bolsas e voluntárias nos cursos de Geografia da UFMS no período 2016–2019



Fonte: UFMS, 2020. Elaboração dos autores.

Os cursos de Geografia existentes na UFGD, na modalidade de licenciatura e bacharelado, estão vinculados à Faculdade de Ciências Humanas — FCH. As aulas desses cursos são distribuídas no período noturno, com oferta de 50 vagas anuais. Considerando os dados coletados junto a instituição percebeu-se, como é ilustrado na tabela 3, um crescimento de pesquisas produzidas do primeiro ano estudado, 2015–2016, até o último, tendo queda apenas do primeiro, em que se registrou 7 pesquisas, para o segundo, que contou com 6 pesquisas.

Tabela 3. Iniciações Científicas desenvolvidas nos cursos de Geografia da UFGD (com e sem bolsas) no período 2016-2019

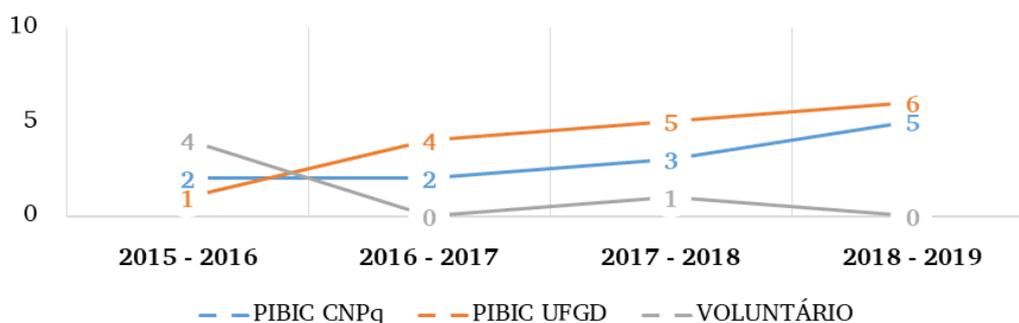
Ano	Faculdade de Ciências Humanas — FCH
2015-2016	7
2016-2017	6
2017-2018	9
2018-2019	11
Total	33

Fonte: UFGD, 2020. Elaborado pelos autores.

No que concerne às bolsas de pesquisas distribuídas, houve uma considerável mudança do primeiro ano para os demais, evidenciada na figura 3. Isso se explica, pois no ano de 2015–2016, das 7 pesquisas desenvolvidas, 4 foram de voluntários e 3 de bolsistas remunerados. Dessas pesquisas de IC que receberam auxílio, 1 foi PIBIC/UFGD1 e outras 2 PIBIC/CNPq.

Em 2018–2019, todavia, o cenário se apresentou totalmente inverso, tendo havido nenhuma pesquisa voluntária processada. Em contrapartida, 6 pesquisas foram PIBIC advindas da UFGD e outras 5 foram repassadas pelo CNPq. Isso mostra, pelo menos na UFGD, um aumento considerável de bolsistas pesquisadores nos cursos de Geografia.

Figura 3. Iniciações Científicas com bolsas e voluntárias nos cursos de Geografia da UFGD no período 2016 – 2019



Fonte: UFGD, 2020. Elaboração dos autores.

Desse modo, analisando todos os dados, observou-se uma predominância de pesquisas com bolsas de Iniciação Científica em relação às voluntárias, cenário semelhante ao da UFMS. Na UEMS, não foi possível obter os indicadores referentes às pesquisas de Geografia contempladas com esses auxílios financeiros, visto que foi apenas disponibilizado, pela instituição, a cobertura geral de Iniciações Científicas com PIBIC por unidade, o que acaba contemplando todos os cursos ofertados.

Isto posto, para ampliar a produção estadual de IC destacada no texto nos cursos de Ensino Superior e, em especial, nas graduações de Geografia, iniciando também um processo de valorização mais efetiva em nossa sociedade com relação as pesquisas, é necessário tomar algumas medidas essenciais.

Primeiramente, compreende-se a importância de estimular, nos acadêmicos, desde o primeiro ano de graduação, pesquisas no Ensino Superior, demonstrando para os mesmos todos os possíveis benefícios atrelados à IC. Segundo, entende-se como apropriado avançar e propagar com mais intensidade as bolsas de PIBIC, PIBITI e PIBIC-AF, visto que esses auxílios são primordiais e determinantes para as pesquisas em IC de diversos pesquisadores. Muitos deles dependem desse valor para terem condições básicas de pesquisa. Sem esse recurso, entretanto, é quase impossível dar prosseguimento, agravando esse quadro que impera atualmente, desestimulando educandos/investigadores a continuarem suas formações acadêmicas e de desenvolvimento de pesquisa.

Em terceiro, um caminho viável para enfatizar as contribuições dessa IC perpassa pelo intercâmbio entre universidades, para que professores-orientadores e os educandos possam discutir acerca de uma temática, cooperando e compartilhando pesquisas e resultados, enfrentando juntos os desafios presentes no Mato Grosso do Sul, na perspectiva da pesquisa, e potencializando os resultados e ações inovadoras de pesquisa. Para além, é aparentemente plausível que essas pesquisas realizadas em nível superior sejam instrumentos para a solução de problemas e indagações mais simples, mas também, daquelas que comportam alto grau de complexidade, tal movimento se realizará via articulação de órgãos públicos e privados junto às universidades produtoras de pesquisa.

É preciso ratificar que o atual momento em que vivemos é repleto de obscuridade e dúvidas, de desprezo à ciência, com perspectivas pouco animadoras, considerando as determinações e medidas mais recentes do Governo Federal. Não existe, dessa forma, por parte dessa atual gestão, uma tentativa plena de fomentar e ampliar as pesquisas e conseqüentemente, as Iniciações Científicas. Em virtude desse fato, uma mobilização ampla, por parte da comunidade acadêmica, científica

e escolar precisa ser concretizada e reproduzida em prol de mais pesquisas e mais pesquisadores.

Considerações finais

As pesquisas em Iniciação Científica nos cursos de Ensino Superior, em especial nas graduações de Geografia, são importantes instrumentos de horizontalização e verticalização para fomentar o cenário de pesquisas, tecnologia e inovação no Brasil, imprescindíveis para o desenvolvimento humano, social, econômico e, sobretudo, científico.

Na formação profissional de professores de Geografia e geógrafos, existe uma série de contribuições que podem resultar dessa prática investigativa, a exemplo da leitura e escrita científica, corroborando, dessa maneira, para uma melhor assimilação de conteúdos e conceitos vistos em sala de aula, além de ser um componente indispensável para o ingresso em programas de pós-graduação. É preciso, porém, considerar, também, não apenas a especialização, mas a formação plural e horizontal, demasiadamente requerida na atual conjuntura competitiva que se instala.

Algo específico na formação de professores, e que pode ser fruto da pesquisa, é a constituição do docente reflexivo e pesquisador. Como já evidenciado anteriormente, este pauta sua prática profissional na autocrítica e constante investigação, estando em ininterrupta construção intelectual graças ao processamento recíproco dentro da sala de aula, seja aprendendo ou ensinando. É de grande valia ponderar, também, a capacidade dessa modalidade de pesquisa em aproximar os discentes pesquisadores de graduação, dos mestrados e demais programas de pós-graduação, além da sua condição de promover a produção de significados e/ou de ressignificar as relações e os processos em curso.

No que tange aos indicadores relativos às pesquisas de IC das universidades públicas de Mato Grosso do Sul e dos seus respectivos cursos de Geografia, nas modalidades de licenciatura e/ou bacharelado, é pertinente afirmar que existe, no recorte temporal delimitado, um quadro importante de pesquisas desenvolvidas. Porém, reitera-se a necessidade de se expandir cada vez mais a Iniciação Científica, como forma de corroborar para o desenvolvimento de pesquisas que contribuam com análises sobre a escala estadual e regional, bem com, favorecer a formação integral de acadêmicos, valorizando o aspecto humano e social.

Desse modo, para condicionar essa expansão, é necessário estimular os acadêmicos ingressos nos cursos de graduação a se tornarem exímios pesquisadores, expondo, logo no início, as linhas de pesquisas existentes e, também,

as potencialidades vinculadas a tal demanda de investigações científicas. Mas não basta apenas esse movimento interno nas universidades. É preciso ir além: em âmbito nacional, mediante o aumento e incremento do número de bolsas para os programas institucionais de IC, promover também a articulação dos discentes pesquisadores por meio de encontros nacionais e internacionais, fomentando subsequentemente, o diálogo, o debate e a difusão das pesquisas realizadas.

Nesse sentido, entendemos ainda que a propulsão a esta expansão pode ser materializada, além de outras ações, por meio da divulgação dos resultados das pesquisas desenvolvidas. Em síntese, disseminar as respostas e os resultados encontrados nas pesquisas de IC em diferentes perspectivas (econômica, ambiental, social, urbana, rural etc.) é essencial para que, assim, pilares fundamentais sejam cristalizados em prol do desenvolvimento de ações de pesquisa em múltiplas escalas e dimensões.

Referências bibliográficas

- BERNARDI, M. M. A Importância da iniciação científica e perspectivas de atuação profissional. *Biológico*, São Paulo, v. 65, n.1/2, p.101, jan/dez.2003.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. *Iniciação Científica*. 2019.
- BRIDI, Jamile Cristina Ajub. Atividade de Pesquisa: contribuições da Iniciação Científica na formação geral do estudante universitário. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 2, n. 13, p.349-360, dez. 2011.
- BRIDI, Jamile Cristina Ajub; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Atividade de Pesquisa: contribuições da Iniciação Científica na formação geral do estudante universitário. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p.77-88, 2004.
- FERNANDES, Renata Sineiro. A formação do professor-pesquisador-reflexivo: os registros da prática como dispositivos de subjetivação. *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 33, n. 1, p.73-84, jun. 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOULART, Ligia Beatriz. *Geografia e Iniciação Científica: a leitura e a escrita produzindo estranhamentos na ação docente*. XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Anais..., Fortaleza, 2014.
- MALDANER, Otávio Aloisio. A pesquisa como perspectiva de formação continuada do professor de química. *Química Nova*, v. 22, n. 2, São Paulo, 1999.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). *História & Missão*. Dourados, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). *Perfil*. Dourados, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). *PROPP. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação*. Dourados, 2020. Acesso em: 27. Mar. 2020
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *Graduação à Distância*. Dourados, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *Histórico*. Dourados, 2020.

- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *PROPP. Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa*. Dourados, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)*. Campus. Campo Grande, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). *Histórico*. Campo Grande, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). *PROPP. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação*. Campo Grande, 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). *Visão e Missão*. Campo Grande, 2020.
- PEREIRA, Reinaldo. Arruda. A importância da Iniciação Científica na formação acadêmica e profissional do aluno. *Davar Polissêmica*, v. 7, n. 1, 2016.
- PINHO, Maria José de. Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas/Sorocaba, v. 22, n. 3, p.658-675, nov. 2007.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoto Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- REIS, Paulo Marcelo de Souza. Ensino-aprendizagem em Geografia: contribuições da Iniciação Científica. *Geoconexões*, Natal, v. 1, p. 25-38, 2018.
- WENZEL, Judite Scherer; ZANON, Lenir Basso; MALDANER, Otávio Aloísio. *A constituição do professor pesquisador pela apropriação dos instrumentos culturais do fazer pesquisa*. Formação superior em Química no Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

Sobre os autores

Rodrigo Gavioli Diniz: É graduado em Geografia na modalidade de Licenciatura, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2020), atualmente é mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Grande Dourados. Foi bolsista, ao longo do ano de 2019, na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e, entre 2017 e 2019, na Subsecretaria de Políticas Públicas para a Juventude de Mato Grosso do Sul. Atualmente, pesquisa a difusão das indústrias de jogos eletrônicos no território brasileiro.

Ana Paula Camilo Pereira: Possui doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista e é graduada pela Universidade Federal Grande Dourados. Atualmente, é docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Integra o Grupo de Pesquisa Metamorfoses Urbanas e Regionais do Laboratório de Estudos Regionais da Universidade de São Paulo e o Grupo de Estudos em Fronteira, Turismo e Território (GEFRONTTER/UEMS). É, também, pesquisadora colaboradora do Observatório das Metrôpoles — Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia.

ABSTRACT

Scientific initiation in teacher education in Geography: an analysis of public universities in Mato Grosso do Sul

Scientific Initiation researches in Higher Education undergraduate courses, especially in Geography degrees, are an important instrument for horizontalization and verticalization to foment research, technology and innovation development in Brazil. Thus, the purpose of this article is to understand the current status of Scientific Initiation in Geography courses at public universities in the state of Mato Grosso do Sul, in the period 2016–2019. In order to produce this study, a methodological survey was carried out on the targeted subject, documental analysis and quantitative data collection, referring to the number of Scientific Initiations produced in the analyzed universities. The results demonstrate an important scenario of developed researches in the delimited section. However, there is a clear necessity to foment and expand scientific production in this type of research in the area of Geography, considering its potential to bring academics closer to post-graduate programs and, in the training of critical and innovative professionals.

KEYWORDS: Scientific Initiation; Geography; research; Mato Grosso do Sul; public university.

RESUMEN

Iniciación científica em la formación docente en Geografía: análisis de las universidades públicas en Mato Grosso do Sul

La investigación de Iniciación Científica en los cursos de pregrado de Educación Superior, especialmente en las graduaciones de Geografía, es un importante instrumento de horizontalización y verticalización para propiciar el escenario para el desarrollo de la investigación, la tecnología y la innovación en Brasil. Así, este artículo tiene como objetivo comprender el marco actual de los cursos de Iniciación Científica en Geografía en las universidades públicas del estado de Mato Grosso do Sul, en el período 2016 – 2019. Para la realización de este estudio, metodológicamente se realizó un relevamiento bibliográfico sobre el tema, análisis documental y recolección de datos cuantitativos, referidos al número de Iniciaciones Científicas producidas en las universidades analizadas. Los resultados expresan un importante escenario de investigación desarrollado en el apartado delimitado, sin embargo, existe una clara necesidad de incentivar y ampliar aún más la producción científica en este tipo de investigaciones en el área de la Geografía, dado su potencial para acercar a los académicos a los programas de posgrado y formación de profesionales críticos e innovadores.

PALABRAS CLAVE: Iniciación Científica; Geografía; investigación; Mato Grosso do Sul; universidad Pública.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>